

De novo a dolarização salvadora...

Brasil

Vira e volta, ressurge o tema da dolarização da economia. Impressionados com os êxitos obtidos na Argentina, alguns economistas, sem falar em técnicos do governo, ressuscitam o assunto. Falam em dolarização plena, com conversibilidade de cruzeiros em dólares, ou simplesmente mencionam a possibilidade de criar-se uma âncora cambial. Se isso deu certo em outros casos de hiperinflação ou inflação alta, por que não daria no Brasil?

Há muita confusão em torno do assunto. Uma âncora cambial somente poderia ter resultados positivos depois que o governo colocasse em prática, em toda sua plenitude, o tão anunciado mas jamais concretizado ajuste fiscal. Enquanto isso não for feito, de forma séria e consistente, continuará a excessiva expansão monetária. Não haverá âncora cambial que segure.

Na Argentina a dolarização está dando certo porque o presidente Carlos Menem deu total autoridade ao ministro Domingos Cavallo para que cortasse gastos, enxugasse o Estado, se desfizesse de empresas deficitárias, enfim; criasse as condições básicas para a ancoragem em uma moeda es-

trangeira. Caso contrário, a continuar emitindo, estaria indiretamente emitindo dólares... Ou seja, a dolarização ou a âncora cambial são apenas um dos instrumentos de uma política antiinflacionária.

Não se trata, como alguns pensam, de um instrumento heterodoxo. Ainda recentemente o ex-ministro Mário Henrique Simonsen afirmava isso. É um mecanismo normal, ortodoxo como tantos outros. Mas não pode ser utilizado sozinho. Ele depende de outros fatores que precisam atuar de forma conjunta.

Quando tantas vozes se levantam novamente para tratar do tema e recomendar a medida, chegamos à conclusão de que está se buscando, mais uma vez, uma solução milagrosa e indolor. "Ancoremos no dólar e ele nos salvará." Com isso, deixa-se de lado os temas mais cruciais e dolorosos, como o grande ajuste fiscal que ainda não foi feito porque ele representa sacrifícios que exigem decisão política e desprendimento.

Ainda outro dia o deputado José Serra (PSDB-SP) afirmava no programa Roda Viva, da TV Cultura de São

Paulo, que podemos superar a crise sem ter que passar por um processo de retração econômica. E, erroneamente, dizia que isso foi conseguido pelo México e pelo Chile. Não é verdade. Naqueles países foram adotadas duras políticas antiinflacionárias que geraram recessão e desemprego.

No Chile, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 14% em 1982 e o desemprego explícito chegou a 21% da força de trabalho. No México, no governo de Miguel de La Madrid, o combate ao déficit público e a inflação provocou um grande desemprego. A luta começou a ser vencida somente em 1988, com o acordo entre empresários, sindicatos e governo. Mas ele somente foi obtido depois que se restabeleceu plenamente a credibilidade do presidente. Ai, sim, foi possível congelar a taxa de câmbio.

O deputado Serra sabe disso, porém não pode, agora, pintar o quadro real do que precisa ser feito para superar a crise. Não se pode sair dela com milagres ou improvisações, fáceis de pregar e que não exigem sacrifícios. Mas não funcionam isoladamente.